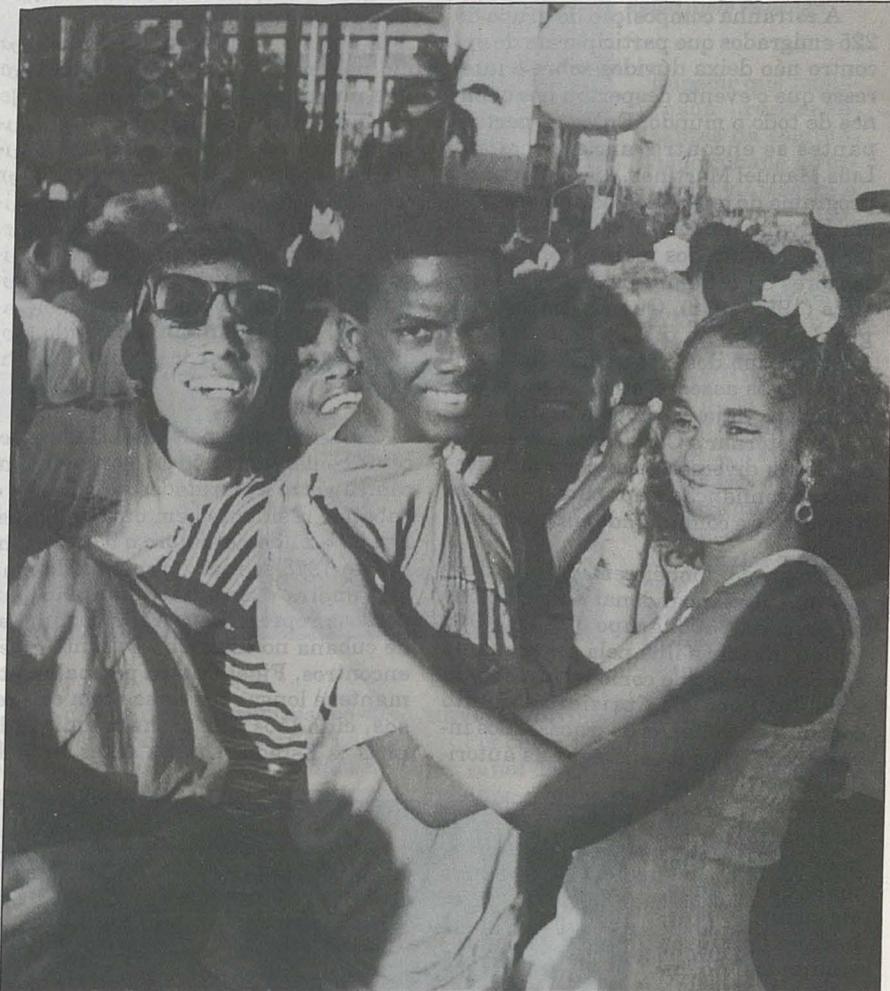


Um primeiro passo

O governo de Havana e representantes da comunidade cubana que vive em vários países do mundo discutem o problema migratório e formas de superação da crise econômica na ilha



Os reencontros familiares são marcados por comemorações

Aldo Gamboa

A pesar da distância física e ideológica, foi um reencontro. Alguns deles não se viam há décadas e não faltou quem preferiu dissimular a emoção mediante um simples aperto de mão. Depois de décadas de falta de diálogo ou silêncios mal interpretados, o governo cubano e representantes da comunidade de cidadãos desse país que residem em 30 nações do mundo se reuniram em Havana em um encontro oficial para analisar e discutir o futuro das relações entre ambas as partes.

Alguns dos cubanos que participaram da conferência "A nação e a emigração", realizada em Havana entre os dias 22 e 24 de abril, já tinham visitado o país anteriormente para rever parentes, tratar-se de alguma doença ou simplesmente matar a saudade tomando um sorvete no arborizado bairro de Vedado, no centro da capital.

Para outros, foi a primeira ocasião de conversar com altos dirigentes do governo cubano sobre as relações com os compatriotas que vivem em outros países. Para todos – cubanos da ilha e de outras terras – foi uma oportunidade única de comprovar que a identidade

nacional é o denominador comum que permitirá a normalização desse diálogo cheio de tropeços.

A estranha composição do grupo de 225 emigrados que participaram do encontro não deixa dúvidas sobre o interesse que o evento despertou nos cubanos de todo o mundo. Entre os participantes se encontravam o jornalista Luis Manuel Martínez, que, a partir do programa de televisão que apresentava em Havana na década de 50, se transformou em um dos mais ferrenhos defensores da ditadura de Fulgêncio Batista (1952-1958). Quando Batista fugiu de Cuba, no dia 1º de janeiro de 1959, em um dos três aviões que levou ao exílio os assessores mais próximos do militar viajava também Martínez.

Ao retornar a Cuba, após 35 anos vivendo em diversos países, ele manifestou sua confiança na aproximação entre o governo e a comunidade cubana no exterior.

No grupo também estava Luis Tornes que, após abandonar Cuba, voltou na Brigada 2506, grupo que em 1961 tentou invadir a ilha pela costa sul, no episódio conhecido como a "invasão da baía dos Porcos". Aprisionado junto com outras centenas de fracassados invasores, Tornes foi entregue às autoridades norte-americanas em troca de alimentos e remédios. Hoje com mais de 60 anos, ele admitiu que esperava "maiores resultados" do encontro de Havana.

O interesse comum dos cubanos da diáspora era estabelecer com o governo de Havana um princípio de acordo sobre a normalização das condições migratórias, a definição de

*Estão os que
querem ir e os que
querem voltar. E
também os que
não têm dúvidas
sobre a sua opção*

critérios comuns e regulares para as visitas aos parentes residentes na ilha e no exterior e a possibilidade de realização de investimentos no país.

É evidente que medidas desse tipo não poderão ser levadas a cabo sem uma mudança de atitude por parte de Washington. Os cubanos da ilha encontram enormes dificuldades junto às autoridades norte-americanas para obter vistos que lhes permitam visitar familiares nos Estados Unidos. Por sua vez, os cubanos que vivem nos Estados Unidos não podem viajar a Havana sem desafiar a administração norte-americana, que ainda mantém um rígido bloqueio contra o governo socialista de Fidel Castro.

Antecedentes - Na realidade, a recente conferência não foi o primeiro encontro entre autoridades do governo e cubanos residentes em outros países. Em 20 e 21 de novembro e 9 de dezembro de 1978 se realizaram em Havana a Primeira e Segunda "Reunião com pessoas representativas da comunidade cubana no exterior". Durante esses encontros, Fidel Castro pessoalmente manteve longas conversas com ex-presos, cidadãos que tinham emigrado para os Estados Unidos antes de 1º de

janeiro de 1959 e até cubanos que tinham fugido ou pedido asilo político em outros países.

No final da década de 80, se promoveram em Havana outros enriquecidos encontros, menos divulgados, onde se discutiu a política de visitas a Cuba de cidadãos que haviam abandonado o país. Mas nenhum dos diálogos anteriores teve a repercussão deste último, pela amplitude dos temas discutidos, pela importância atribuída pelo governo de Havana e pela representatividade dos exilados presentes na capital cubana.

Praticamente todas as questões migratórias colocadas pelos representantes da comunidade cubana no exterior foram resolvidas. O jovem chanceler cubano, Roberto Robaina - um dos principais impulsionadores do encontro - destacou que o governo decidiu eliminar a proibição de visitar a ilha por cinco anos para as pessoas que saíram legalmente, permitindo-se agora sua entrada a qualquer momento.

Importante também foi a decisão do governo cubano de criar um Departamento especial para atender aos problemas específicos dos emigrados, incluindo a edição de uma revista que aborde as questões relativas a essa co-



AMÉRICA LATINA

CUBA



Contra-revolucionários de Miami: a cada dia, estão mais isolados

impedir que numerosos representantes da comunidade cubana no exterior viajassem a Havana.

A presença de tantos emigrados deixou em evidência que eles não têm uma posição monolítica quanto à nova relação com o governo de Fidel Castro. A pressão que os grupos mais radicais exercerão sobre aqueles que foram à conferência será significativa, mas dificilmente conseguirá reverter a tendência natural à aproximação com Havana.

Por outro lado, o estabelecimento de um canal de diálogo entre Havana e os cubanos emigrados coloca os Estados Unidos diante da questão de com quem negociar: com os – ricos e poderosos – dirigentes de Miami, que ficaram excluídos de um diálogo histórico, ou com os setores abertos a participar da vida política de Cuba sem compromisso com o projeto socialista?

A resposta é difícil. Mas já se percebe que figuras como Mas Canosa e Montaner constituem alguns dos últimos aliados da Casa Branca para justificar o bloqueio.

¹Mas Canosa é o principal dirigente da Fundação Cubano-Americana, muito influente na região da Flórida (e ligada a setores conservadores do Partido Democrata, como Albert Torricelli). Autoridades norte-americanas o consideram o mais lógico "sucessor de Fidel Castro" após um eventual desmoronamento do sistema socialista em Cuba. Mas Canosa e sua organização são acusados de diversos delitos nos Estados Unidos, embora nunca a Justiça tenha conseguido provas

² Montaner é apontado como o autor do livro "Contra toda a esperança", apresentado como tendo sido escrito por Armando Valladares. Ex-policia da ditadura de Batista, Valladares foi preso depois de colocar uma bomba em Havana, após a vitória da Revolução. Libertado, depois de se fazer passar por paraplético, foi nomeado por Reagan representante dos Estados Unidos perante a Comissão de Direitos Humanos da ONU

munidade. Atendendo a outro pedido, as autoridades concordaram em que os cubanos emigrados possam enviar seus filhos para freqüentar as universidades da ilha, custeando seus estudos. Muitos jovens cubanos residentes nos Estados Unidos tiveram que emigrar para Venezuela ou México para poder cursar a universidade, já que os centros de ensino norte-americanos são muito caros.

O governo cubano decidiu ainda eliminar dos pacotes turísticos dos emigrados a obrigatoriedade de pagar a hospedagem em um hotel, já que a maioria dos visitantes prefere hospedar-se nas casas de seus parentes ou até nos domicílios onde moravam antes.

Os emigrados pediram também que se estude a possibilidade de lhes outorgar a dupla nacionalidade (a cubana e a do país que os acolheu). Mas essa questão deverá ser ainda debatida, já que requer modificações substanciais na Constituição da ilha.

Outro assunto que surgiu nos diálogos foi o interesse de diversos emigrados em realizar investimentos na ilha, após um eventual levantamento do bloqueio dos Estados Unidos. Nesse senti-

do, uma das principais autoridades cubanas da área econômica, Carlos Lage, assinalou que os emigrados "podem investir nas mesmas condições que os capitais estrangeiros".

As demandas dos emigrados cubanos mostram seu desejo de participação futura na vida econômica, social e política de um país que, no final das contas, também é deles.

A principal conquista – Mais importante que qualquer acordo alcançado foi o diálogo direto que se estabeleceu entre o governo de Havana e a oposição, deixando de lado os setores mais radicais. "Os ausentes nunca fazem história", disse Martínez ao chegar a Havana, em uma fugaz mas clara referência aos dirigentes cubanos que fizeram da contra-revolução uma lucrativa profissão.

A referência se dirigia, possivelmente, a Jorge Mas Canosa¹ e Carlos Alberto Montaner², tradicionais inimigos do governo cubano que não só se opuseram a participar do diálogo, mas também fizeram o possível para esvaziá-lo. Porém, não tiveram força para